

HANNAH ARENDT E A ESCRITA DE FORO ÍNTIMO EM RAHEL VARNHAGEN

Cristiéle Santos de Souza

Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural pela
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Este artigo busca identificar e discutir a relevância da escrita de foro íntimo para a exposição biográfica de Hannah Arendt na elaboração da obra *Rahel Varnhagen: a vida de uma judia alemã na época do Romantismo*. Também propõe um olhar sobre a escrita epistolar e suas particularidades como documento, instrumento de comunicação e como legado, no sentido de pensar o seu uso como fonte e objeto de estudo, bem como demonstrar as relações de poder que envolvem a sua produção e preservação. Para tanto, foi realizada uma leitura da obra em questão atenta às citações e às discussões feitas por Arendt relativas à escrita de foro íntimo, em especial, à escrita epistolar, de modo a compreender o uso que a autora fez dessa tipologia de texto, no processo de compreensão e descrição da vida de Rahel, "como ela própria poderia ter feito".

Palavras-chave: Escrita epistolar, biografia, Romantismo.

Abstract: This article seeks to identify and discuss the relevance of intimate writing for Hannah Arendt's biographical writing in the construction of the work *Rahel Varnhagen: the life of a German Jewess at the time of Romanticism*. It also proposes a look at epistolary writing and its particularities as a document, a communication tool and as a legacy, in the sense of thinking about its use as a source and object of study, as well as demonstrating the power relationships that involve its production and preservation. To this end, a reading of the work in question was carried out, attentive to the quotes and discussions made by Arendt concerning intimate writing, especially epistolary writing, in order to understand the use that the author made of this type of text, in the process of understanding and describing Rahel's life, "as she herself could have done."

Keywords: Epistolary writing, biography, Romanticism.

Introdução

“Os que buscam representantes de uma época,
porta-vozes do *Zeitgeist*,
expoentes da História (com H maiúsculo),
aqui procurarão em vão”.
(Hannah Arendt)

A frase utilizada aqui como epígrafe foi escrita por Hannah Arendt no Prefácio à obra *Homens em tempos sombrios*, em janeiro de 1968, e expressa, de modo muito sucinto, o seu propósito no decurso da escrita biográfica. Na mesma perspectiva, dez anos antes, a autora havia publicado a obra *Rahel Varnhagen: a vida de uma judia alemã na época do Romantismo*, objeto deste estudo. Em *Rahel Varnhagen*, assim como em *Homens em tempos sombrios*, Arendt não buscou, na escrita biográfica, um modo de descrever um período ou de eternizar personagens históricos, tampouco tratou das subjetividades atinentes à vida desses indivíduos. Em ambas as obras, Arendt lançou luz sobre a vida dessas pessoas em âmbito público, não como a historiografia tradicional as registrou, mas com um olhar sobre a ação e o discurso como as formas pelas quais “os seres humanos revelam-se uns aos outros na teia das relações intersubjetivas” (LAFER, 2008, p. 293).

Escrita, quase que em sua totalidade, no período anterior ao exílio da autora diante da perseguição Nazista, a biografia de Rahel Varnhagen (1771-1833) reúne um conjunto variado de fontes provenientes da escrita de foro íntimo, em especial, cartas e entradas de diários, preservados em diferentes contextos. Ainda que estas sejam fontes comuns à escrita biográfica, na obra em questão, elas estruturam a narrativa de modo a dar sentido ao propósito de Arendt, isto é, o de “narrar a história da vida de Rahel como ela própria poderia ter feito”.

Nesse sentido, neste artigo propõe-se uma leitura da relevância da escrita de foro íntimo para o complexo entrelaçado de fontes e de temas sobre os quais Arendt desenvolve a biografia de Rahel Varnhagen. Há, ainda, a proposta de pensar a escrita biográfica da autora como um viés para a compreensão de temas como a questão judaica e os processos de assimilação, ou ainda, como revelam as palavras da autora: compreender “a maneira pela qual a assimilação à vida intelectual e social do meio funciona concretamente na história de um indivíduo, moldando um destino pessoal” (ARENDDT 1994, p. 13).

1. Hannah Arendt e a escrita de foro íntimo

Hannah Arendt (1906-1975) foi uma missivista entusiasta, como não poderia deixar de ser, dadas as necessidades impostas pelo refúgio e pelas distâncias decorrentes dessa situação. As trocas epistolares integram o cotidiano de Arendt e de seus quadros sociais, permitindo que hoje os acervos

resultantes dessas trocas, em grande parte publicados¹, possam dar acesso a fragmentos da vida e do pensamento dela. Contudo, a relação estabelecida entre Arendt e os espólios da escrita epistolar não se deu apenas em âmbito privado; cartas e entradas de diários também foram, para ela, os meios pelos quais trilhou o caminho da escrita biográfica.

Sem nunca reduzir o texto epistolar a um mero demonstrativo, Arendt expõe, em suas obras de cunho biográfico, uma preocupação em situar os contextos de produção e de guarda das cartas e dos demais objetos resultantes da escrita de foro íntimo. No Prefácio à edição alemã da biografia de Rahel, Arendt discute o acesso aos seus escritos e chama a atenção para as intervenções feitas por August Varnhagen (1785-1858) na edição das memórias de Rahel publicadas por ele logo após a morte dela. Sobre isso Arendt afirma:

A grande arbitrariedade de Varnhagen na publicação ou na preparação dos documentos de Rahel é suficientemente conhecida, não se tendo furtado em alguns casos, não numerosos, de fazer também interpolações, mutilações e adulterações, corrigindo por atacado, extirpando porções essenciais e cifrando nomes de tal maneira que o leitor era deliberadamente induzido ao erro. (ARENDDT, 1994, p. 10)

Arendt reconhece, assim, a fragilidade desses documentos, bem como a necessidade de pensar a sua guarda, edição ou descarte como um dado tão ou mais relevante que a sua produção. Nesse sentido, a carta, enquanto documento, está presente na escrita biográfica de Arendt investida de toda a sua complexidade e entrelaçada à narrativa crítica e argumentativa.

Nessa perspectiva, pensar a escrita de foro íntimo, em especial a escrita epistolar, na construção narrativa de Arendt em Rahel Varnhagen, pressupõe pensar a carta e seu universo de produção e recepção em três temporalidades: a primeira delas refere-se ao lugar ocupado pela escrita epistolar no ambiente vivido por Rahel, isto é, a sociedade burguesa de origem judaica na Prússia da transição do século XVIII para o século XIX; a segunda refere-se ao lugar ocupado pela escrita epistolar no contexto vivido por Arendt durante a escrita e nos anos de espera até a publicação da obra; e a terceira refere-se à leitura contemporânea que se faz da obra e do lugar ocupado pela escrita epistolar em sua constituição.

¹ De acordo com Lafer (2000, p. 121), "Com efeito, a sua correspondência ativa e passiva publicada até agora passa pela que manteve com Jasper (1985) e Heidegger (1999) – dois dos mais significativos pensadores do século; com duas eminentes figuras da República das Letras, Mary McCarthy (1995) e Hermann Broch (1996)".

No que tange à primeira temporalidade, cabe lembrar que os séculos XVII e XVIII assistiram a uma ampliação da prática da escrita e da leitura nos espaços de intimidade, muito em consequência do modo de vida burguês e da sua busca por distinção por meio da arte e da erudição. Esses séculos também assistiram a gradual redefinição entre as noções de público e privado relativas às práticas do cotidiano. Esse processo teve início ainda durante o século XVI e se consolidou no modo de vida urbano europeu no século XIX, expondo a transição de um modo de vida baseado em “solidariedades coletivas” que, segundo Philippe Ariès (2009, p. 9), encerravam o indivíduo e a família em um mundo que não era nem privado e nem público, para uma sociedade em que a busca pela distinção individual se sobrepôs às demandas coletivas e questionou os privilégios de classe.

Rahel viveu o período em que o “individualismo dos costumes” (ARIÉS, 2009) já estava consolidado e evidenciado pela prática da “literatura autógrafa”, isto é, os diários íntimos, as cartas e as autobiografias. Arendt buscou, nas cartas de Rahel e em seus diários, os indícios de uma vida de introspecção, ainda que Rahel tenha vivido uma vida inteira em busca de aceitação, cercando-se de bajuladores. Em um de seus escritos, citados por Arendt (1994, p. 30), Rahel diz ter escrito “as cartas mais servis a pessoas completamente desimportantes, na vã esperança de mudar o único relacionamento realmente possível entre nós: o desconforto”.

Escrever cartas, no tempo de Rahel, era uma prática associada aos códigos de civilidade que organizavam a sociedade, mas também representava, para a grande maioria das pessoas, a possibilidade de construir seu único legado escrito. As cartas eram, por assim dizer, o lugar das confissões, um lugar de refúgio para o indivíduo subtraído aos controles dessa mesma sociedade. Mas Rahel refletia em suas cartas o modo como via o mundo e suas contradições. Nas palavras de Arendt (1994, p. 38)

Nenhuma tradição havia-lhe transmitido qualquer coisa e sua existência não estava prevista na História. Sem laços porque não havia nascido em qualquer mundo cultural, sem preconceitos porque, aparentemente, ninguém havia feito qualquer prejulgamento antes que ela viesse ao mundo, de certa maneira na situação paradoxal do primeiro ser humano, era obrigada a aprender tudo por si mesma como se o encontrasse pela primeira vez.

Suas cartas eram originais e explicitavam uma liberdade epistolar que não era comum aos seus contemporâneos. Arendt chama atenção para o modo como os correspondentes de Rahel descreviam suas cartas: “Ela escrevia

cartas, declarou Gentz, ‘que trazem dentro flores e frutos, junto com raízes cheias de terra, arrancadas diretamente do solo’² (ARENDDT, 1994, p. 39). As cartas foram, para Rahel, o seu lugar de fala, o lugar onde as limitações impostas por sua condição social desfavorável tinham uma importância menor. Nelas, assim como em seu salão, Rahel era apenas um indivíduo entre tantos.

Quando se propõe pensar as cartas de Rahel em sua temporalidade, o que se está realmente propondo é um olhar sobre os seus contextos de escritura, os quais permitem pensar os caminhos percorridos por Arendt na seleção e no uso desses textos no desenvolvimento da obra. No entanto, essa reflexão exige que as cartas também sejam pensadas em relação ao tempo e às circunstâncias vividas por Arendt quando do processo de escrita e de publicação da obra.

As cartas também ocuparam um espaço importante na vida de Arendt, e algumas delas marcaram declarações polêmicas e relações de amizade que duraram décadas. Assim como Rahel, Arendt também guardou sua correspondência e tinha ciência de que ela poderia vir a público. Mas diferentemente de Rahel, no tempo vivido por Arendt, as cartas eram apenas uma parte das muitas possibilidades de comunicação, porém ainda representavam um lugar importante para expor e discutir ideias.

Em uma de suas cartas mais conhecidas, escrita a Gerhard Scholem em 23 de julho de 1963, em meio à controvérsia gerada pela obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (1963), Arendt responde a uma carta escrita por Scholem, na qual o já conhecido autor sionista discutia os argumentos defendidos pela autora em sua análise do julgamento do burocrata Nazista Adolf Eichmann, bem como questionava sua formação intelectual e política alemã, sua identidade judaica e sugeria que faltava a ela ‘amor pelo povo judeu’. Quando questionada sobre a possibilidade dessa discussão vir a público, Arendt respondeu:

Você propõe a publicação de sua carta e pergunta se eu tenho alguma objeção a isto. Eu desaconselharia que você reescrevesse a carta em terceira pessoa. O valor desta controvérsia consiste em seu caráter epistolar, especificamente no fato de que ela é influenciada por amizade pessoal. Assim, se você está preparado para publicar minha resposta juntamente com sua carta, não tenho, evidentemente, nenhuma objeção. (ARENDDT, 2016, p. 763)

² Ao longo da obra, Arendt cita inúmeros fragmentos de cartas escritas e recebidas não apenas por Rahel, mas por seu círculo de relações. Dessa forma, torna-se evidente a preocupação da autora em compreender as redes de sociabilidade que se formavam no entorno de Rahel. O trecho citado aqui foi escrito por Friedrich von Gentz, com quem Rahel manteve vasta correspondência.

As cartas, também, foram para Arendt um meio de manifestação de suas ideias, mesmo quando ela já era reconhecida como uma das mais importantes pensadoras de sua época. O formato epistolar esteve presente em artigos publicados pela autora, como no conhecido “Nós, os refugiados”, publicado no *The Menorah Journal* em 1943³ no qual Arendt tratou da sua condição de refugiada e do que preferiu chamar de “imigração judaica para a América”. No entanto, as cartas também foram, para Arendt, um meio de diminuir as distâncias impostas pela sua condição de refugiada. “É por essa razão, de ordem existencial”, explica Celso Lafer (2000, p. 125), “que ela enriqueceu a epistolografia do século XX com uma extraordinária e densa correspondência, cuja publicação vem sendo estimulada pela irradiação de sua fortuna crítica”.

Por fim, para uma leitura atenta do lugar ocupado pela escrita epistolar no desenvolvimento da escrita biográfica de Hannah Arendt, é preciso pensar os significados que essa tipologia de escrita adquiriu na contemporaneidade, o que influencia direta ou indiretamente os modos pelos quais se percebe seu potencial como fonte histórica. As cartas já não são o principal meio de comunicação a distância; tampouco representam um gesto de distinção social, o que não significa dizer que tenham perdido a sua importância como lugar de refúgio, introspecção ou de manifestação, haja vista as cartas abertas e as manifestações políticas que utilizam a escrita epistolar como meio de difusão de suas ideias.

As cartas são, mais do que em qualquer tempo, “artefatos culturais” (CHARTIER, 1991), vistas como um meio de acesso à dinâmica social de diferentes tempos e lugares. Sua existência pode dizer tanto de quem escreve e das suas condições de enunciação como do ato de escrever e dos seus limites sociais e culturais. De outro modo, as cartas, assim como as demais formas de escrita de foro íntimo, impõem, ao olhar contemporâneo, o que Angela de Castro Gomes (1998, p. 126) denominou de “ilusão de verdade”, isto é, certa noção de realidade resultante do fato desses documentos serem provenientes do cotidiano e dos espaços de intimidade. Essa sensação de proximidade com os sujeitos da história pode incitar julgamentos ou, até mesmo, fundamentar teorias pré-concebidas sobre seus autores. Daí a importância de se pensar essa tipologia de escrita dentro das muitas temporalidades a que é exposta e buscar compreender o seu lugar nas construções narrativas sustentadas por elas.

³ O texto originalmente publicado pelo *The Menorah Journal*, em 1943, integra a coletânea *Escritos Judaicos* (2016, p. 477-492).

2. Um retrato epistolar

Os motivos que levaram Arendt a se interessar pela vida de Rahel podem ser os mais diversos, e sobre isso há muita especulação; contudo, é possível que as similaridades que envolviam a vida de biógrafa e biografada tenham contribuído para esse interesse, uma vez que ambas eram mulheres de origem judaica e germânica, “(...) ambas forjadas na juventude com esperanças de integração social numa sociedade mais liberal, menos intolerante e segregacionista, ambas vítimas de um retrocesso desse processo” (RAPCHAN, 2004, p. 296).

Em Rahel, Arendt encontrou um profícuo campo de estudos, uma vez que, na impossibilidade de viver e de agir com liberdade, Rahel pensava e escrevia. Escrevia como forma de estar no mundo e de se fazer ver para além das convenções e exclusões que o seu “nascimento infame”⁴ lhe impunha. Sobre suas cartas, Arendt escreveu: “A carta substituí a conversação; ela a usava para conversar sobre pessoas e coisas. Excluída da sociedade, privada de qualquer relação social normal, tinha uma fome enorme de pessoas, era voraz por qualquer dos menores eventos, crítica sobre qualquer manifestação” (ARENDDT, 1994, p. 25).

A escrita ocupava um espaço fundamental para a manutenção do modo de vida de Rahel e de seus contemporâneos e estava no centro das transformações sociais que contribuíram para acentuar os contornos da individualidade também marcados pela crise da rígida estrutura de estamentos sociais característica do Antigo Regime. Arendt buscou, no vasto acervo epistolar deixado por Rahel, assim como em seus escritos pessoais, um viés para compreender o modo como Rahel compreendia a si mesma e ao mundo em que vivia e do qual se dizia excluída.

A escrita, portanto, representava, para Rahel, o meio pelo qual ela podia expor-se diante da vida e do olhar do outro. Ao analisar as cartas trocadas entre Rahel e David Veit (1771-1814), médico judeu e amigo de infância de Rahel, Arendt destaca o desejo expresso por ela de que suas cartas fossem lidas por outras pessoas, com a esperança de que assim fosse melhor compreendida. Em um fragmento de carta citado por Arendt (1994, p. 27), Rahel questiona a Veit:

⁴ A expressão “nascimento infame” é citada por Arendt (1994 p. 19) como um fragmento de carta ou diário escrito por Rahel em referência a sua origem judaica.

Por que não mostra a alguém uma carta minha por inteiro? Isso não iria me incomodar; nada que escrevi precisa ser escondido. Se apenas eu pudesse me mostrar aberta às pessoas como se abre um armário e, num gesto, se mostra as coisas arrumadas em seus compartimentos ... Elas certamente ficariam satisfeitas e, vendo-o, também compreenderiam.

Nesse contexto, as cartas escritas e recebidas por Rahel deram a Arendt acesso aos compartimentos das relações de sociabilidade mantidas por ela, ao mesmo tempo em que permitiram que o distanciamento temporal – aproximadamente um século entre a morte de Rahel e a pesquisa de Arendt – expusesse, ao olhar de Arendt, diferentes narrativas construídas sobre a figura de Rahel, muitas delas influenciadas pelas escolhas feitas por August Varnhagen na edição de *Buch des Andenkens* (1834)⁵, apenas um ano após a morte de Rahel.

Arendt dedicou-se à pesquisa sobre Rahel décadas antes de serem desenvolvidas as teorias relativas às cartas como artefatos culturais. No entanto, ela discorreu sobre elas de modo atento ao universo da escrita como um todo, isto é, às diferentes formas de recepção, distribuição e contextos de escritura. Percorreu, por meio delas, os conhecimentos acessados e mobilizados por Rahel, as leituras e as influências dela. Desse modo, as referências a Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e às suas *Confissões* foram identificadas por Arendt não apenas nas críticas de Rahel à sociedade a qual ela desejava, desesperadamente, ser assimilada, mas também em sua carta a David Veit, quando escreve: “os fatos nada significam para mim” e assina “*Confessions de J.J. Rahel*”.

Para Rahel, a escrita epistolar era, também, o lugar da indiscrição, o lugar em que lhe foi possível a indiscrição. De acordo com Arendt, essa postura, marcada pela ausência de vergonha e pela auto exposição, foi característica do Romantismo. Contudo, segundo a autora, teria sido Rousseau, com suas *Confissões*, publicadas depois de sua morte, entre os anos de 1781 e 1788, o primeiro grande modelo de indiscrição em relação a si mesmo. Segundo Arendt (1994, p. 28), “Rousseau não relatou a história de sua vida nem suas experiências. Meramente confessou o que havia pensado, desejado, querido, sentido no curso de sua vida”. Isso não foi diferente do que Rahel fez em suas cartas e diários. As confissões de Rahel foram epistolares.

As ideias de Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) também são apontadas por Arendt como pertencentes ao universo de Rahel. Não apenas

⁵ Nesta obra, August Varnhagen reuniu e organizou cartas, diários e outros escritos de Rahel, em uma narrativa situada entre a biografia e a homenagem.

por ambos viverem em um mundo no qual a razão havia sido elevada ao *status* de autoridade pelas ideias iluministas, mas por ambos compreenderem a necessidade do “pensar por si próprio”. Para Rahel, que segundo Arendt não se prendia a qualquer tradição ou forma de organização prévia do mundo, pensar por si próprio era uma questão de sobrevivência. Uma vez que, para Rahel, assim como para Arendt (1994, p. 20), “O pensar por si próprio liberta dos objetos e de sua realidade, cria uma esfera de puras ideias e um mundo que é acessível, sem conhecimento ou experiência, a qualquer ser racional”.

Outra influência importante na vida de Rahel foi Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), cujo culto em Berlim ela foi a iniciadora. Em suas cartas⁶, há referências diretas a ele e a sua obra, mas Arendt entende que a influência de Goethe na vida de Rahel esteve além de uma admiração unilateral. Nas palavras de Arendt (1994, p. 100-101),

Goethe proporcionou-lhe a linguagem que podia falar. (...) Repetidamente suas palavras libertavam-na do encantamento mudo do mero acontecer. E o fato de que podia falar proporcionou-lhe um asilo no mundo, ensinou-lhe como tratar as pessoas, confiar no que ouvia. Tinha de agradecer a Goethe por ser capaz de falar.

Compreender Goethe permitiu a Rahel estabelecer uma conexão entre a sua vida e o mundo ao qual tinha que narrar. Goethe, segundo Arendt, foi para Rahel um substituto para a Tradição.

Ao longo da obra aqui analisada, os contextos de escritura de Rahel são apresentados por Arendt em diferentes aspectos: alguns de forma circunstancial, como relacionamentos amorosos ou amizades desfeitas, outros de modo perene, como a influência das ideias iluministas nos processos de reivindicação de melhora civil para os judeus, e a busca por assimilação, não como um movimento coletivo, mas como uma busca individual, fosse por meio do batismo e da ascensão socioeconômica ou, no caso das mulheres, por meio do casamento.

Rahel não foi uma militante pelos direitos civis da comunidade judaica, tampouco defendeu que a assimilação pudesse ser um ato coletivo, mas suas ações e seus escritos expuseram, para Arendt, o que outros exemplos do seu quadro social, documentos e discursos da época confirmaram: primeiro,

⁶ Arendt (1994, p. 98) cita fragmentos de algumas dessas cartas escritas por Rahel a uma amiga (não identificada), em que o assunto é Goethe: “com lágrimas escrevo o nome desse mediador, em memória de extremos tormentos ... leia-o como uma pessoa lê a Bíblia no infortúnio”; “durante toda a minha vida esse poeta acompanhou-me infalivelmente”.

que a assimilação da comunidade judaica à sociedade cristã europeia “sempre significou uma assimilação ao Iluminismo”; segundo, que a questão judaica tornou-se, no tempo de Rahel, um “problema do judeu individual” (ARENDDT, 2016).

Ao trazer à tona os direitos do homem e do cidadão, o Iluminismo abriu o precedente para que os judeus reivindicassem os seus direitos baseados em sua condição humana. Nas palavras de Arendt (1994, p. 19), “a causa da humanidade tornou-se igualmente a causa dos judeus”. Dentre as vozes que defendiam essa busca por direitos, estavam Christian Wilhelm Dohm, funcionário prussiano e autor da obra *Ueber die bürgerliche Verbesserung der Juden* (1781)⁷, e Moses Mendelssohn, filósofo e crítico literário. Ainda que Dohm e Mendelssohn falassem de uma “comunidade judaica”, o que havia, segundo Arendt, era uma busca individual por assimilação em relação à qual Rahel não estava alheia. Assim como Henriette Herz, Dorothea Schlegel, Marianne e Sarah Mayer, Rahel também buscou um caminho individual para a assimilação.

A questão da assimilação atravessa a biografia de Rahel e conduz o leitor a pensar esse processo como um marco na História da comunidade judaica na Europa. Para Arendt, essa foi uma questão central para compreender o crescimento do antissemitismo moderno e, conseqüentemente, os desdobramentos desse fenômeno. A autora voltaria a essa questão quando da elaboração de *As Origens do Totalitarismo* (1951), obra na qual afirmou que “o aparecimento e o crescimento do antissemitismo moderno foram concomitantes e interligados à assimilação judaica, e ao processo de secularização e de fenecimento dos antigos valores religiosos e espirituais do judaísmo” (ARENDDT, 2012, p. 31).

Na busca por assimilação, a ascensão econômica, o batismo, a mudança de nome e o casamento foram os meios pelos quais se consolidou a gradual dissolução do que Arendt chamou de valores do judaísmo, ao mesmo tempo em que reafirmavam a busca individual pela assimilação. Nesse contexto, Rahel, que nasceu em uma família abastada e em vias de assimilação, já não teve contato com a tradição judaica, tampouco foi aceita pela sociedade não judaica. Em suas cartas, Arendt encontrou o desejo manifesto de deixar o judaísmo, assim como encontrou a sua recusa em ser outra coisa que não ela mesma. O modo como Rahel percebia a sua condição e o seu desejo manifesto de superar tal fato são temas frequentes em suas cartas da juventude, em sua maioria trocadas com David Veit. Para Arendt,

⁷ Em tradução livre “Sobre o melhoramento civil dos judeus”.

A vida de Rahel, a partir da juventude, foi marcada por essa inferioridade, por seu “nascimento infame”. Tudo o que se seguiu foi apenas confirmação, ‘sangrando até a morte’. Devia, portanto, evitar tudo o que ensinasse nova confirmação, não devia agir, nem amar, nem envolver-se com o mundo. A única coisa que uma renúncia tão absoluta parecia ter deixado livre era o pensar. (ARENDT, 1994, p. 19)

Essa recusa em relação ao mundo fez com que Rahel se colocasse em uma eterna condição de ignorância, sempre disposta ao novo, livre de tradições. Essa postura fez, de suas cartas, um lugar de discurso sincero, descritivo das pessoas e das coisas. Um espelho para o seu pensamento, mas também um lugar de introspecção. Mas o isolamento de Rahel não era um isolamento no sentido físico, muito pelo contrário, ainda muito jovem Rahel administrou, no sótão de sua casa, um dos mais importantes salões de Berlim, descrito por Arendt (1994, p. 42) como: “um lugar socialmente neutro onde todas as classes se encontravam e onde naturalmente se considerava cada pessoa um indivíduo”.

Os salões judaicos, em geral organizados por mulheres, eram tolerados pela nobreza, que se via cada vez mais dependente da ajuda financeira da comunidade judaica, e entusiasticamente frequentados pela burguesia, que tinha aprendido, por meio da conversação, como representar o que era. O salão de Rahel era frequentado por pessoas das mais diversas classes e origens, desde jovens estudantes até o príncipe Louis Ferdinand e sua amante Pauline Wiesel, com quem Rahel manteve um longo e revelador diálogo epistolar. Em uma carta escrita por Karl Gustaf von Brinkman a August Varnhagen, muitos anos após a morte de Rahel, Arendt (1994, p. 54) encontrou uma descrição do ambiente vivenciado no salão de Rahel onde, segundo Brinkman, todos “se empenham em ser admitidos com igual ansiedade; e no qual cada pessoa vale nem mais nem menos do que ela própria é capaz de validar por sua personalidade cultivada.”

Mesmo que a um primeiro olhar, os salões, como o administrado por Rahel, parecessem indicar que os judeus tinham sido aceitos na sociedade alemã, o fato era que eles se mantinham fora da sociedade; mesmo que por algum tempo os salões tenham representado, segundo Arendt, uma zona neutra onde pessoas de cultura se encontravam. O sucesso dos salões, assim como a influência judaica na política, foi se desfazendo na medida em que uma sociedade de classe média culta começou a aparecer.

As relações entre o universo social mantido pelos salões e a sociedade externa, dividida entre uma nobreza em crise e uma burguesia ascendente,

foram lidas por Arendt nas cartas trocadas entre Rahel e aquele que seria o responsável pela sua primeira grande desilusão, Karl von Finckenstein. Conheceram-se em Berlim e logo ficaram noivos. Para Rahel, o casamento significava a possibilidade de deixar no passado a condição de seu nascimento, visto que Finckenstein era filho da nobreza. No entanto, em vez de aproximar-se da aristocracia rural da qual Finckenstein fazia parte, Rahel o apresentou ao seu círculo social, ao universo dos salões e do reconhecimento dos valores individuais. Para Arendt, esse gesto fez com que Finckenstein fosse confrontado com a sua nulidade. Em suas palavras: “como indivíduo Finckenstein não era nada; despido de seu título de nobre, nada tinha que pudesse representar, pois o mesmo não era de qualquer valia entre os amigos de Rahel” (ARENDDT, 1994, p. 42).

Ao longo dos quatro anos de noivado, Rahel, antes decidida a manter-se distante do mundo, viu-se envolvida em uma disputa inútil, esperando mais de Finckenstein do que ele estava disposto a dar. Finckenstein pertencia a uma das famílias mais antigas e tradicionais da Prússia e, portanto, vivia sob uma lógica de pertencimento à família e às considerações de sua classe, às quais Rahel não poderia, em tempo algum, se integrar. Diante da tensão criada entre o mundo que conhecia e a possibilidade de uma vida junto a Rahel, Finckenstein voltou para casa e para a segurança dos seus privilégios.

As cartas contam o desfecho dessa história de amor que acompanhou Rahel por muitos anos e, de certo modo, expôs os limites da sua condição de mulher judia em uma sociedade excludente e fortemente dividida pelos valores de classe. Rahel não desistiu facilmente de Finckenstein, mas ele parou de responder às suas cartas, e quando finalmente respondeu, já não havia o que resgatar do que tinham vivido. Neste ponto, Arendt discute mais uma vez o universo epistolar quando ressalta o fato de que Finckenstein destruiu as cartas de Rahel, sendo possível recuperar esse diálogo apenas pelas cartas de Finckenstein guardadas por Rahel e pelas cópias que ela fazia das cartas que enviava.

Em 1800, depois do rompimento definitivo com Finckenstein, Rahel deixou Berlim e viveu por alguns meses em Paris, onde a distância deu novo fôlego às suas correspondências. A vida como estrangeira permitiu a Rahel um recomeço, que também a prepararia para as dificuldades dos anos seguintes marcados pela guerra e pela ocupação francesa em Berlim. Neste ponto, Arendt discute a condição de Rahel como estrangeira em Paris e o modo como essa condição lhe permitiu viver sem o peso de suas origens e de suas escolhas. Para Arendt, “amar a vida é fácil quando se está no exterior. Em nenhuma outra época se é mais dono de si mesmo do que onde não se é conhecido por

ninguém e se a vida está somente em suas próprias mãos” (ARENDT, 1994, p. 67). Contudo, a fuga para o exterior foi um paliativo, pois Rahel precisou voltar para Berlim, para junto de sua família e para o lugar onde a sua dor era de conhecimento geral. Nos anos que se seguiram, ela viveu outros relacionamentos que, assim como o noivado com Finckenstein, foram preservados por suas cartas, as quais também registraram o fim da era dos salões judaicos e o crescimento do antissemitismo na Prússia.

No caminho percorrido em busca da assimilação, Rahel viu seus irmãos serem batizados e adotarem o sobrenome Robert, que mais tarde ela própria usaria. Ela viu seu círculo de amizades reduzir, e a sociedade prussiana se reorganizar em torno da ocupação francesa. Esse período de incertezas foi cenário para as trocas epistolares com Friedrich Gentz, Don Raphael d’Urquijo e Rebecca Friedländer, que mais tarde figurariam entre as cartas publicadas por August Varnhagen em sua obra sobre a vida de Rahel. Sobre isso, Arendt chama a atenção para o fato de que Varnhagen ocultou a relação estabelecida entre Rahel e Rebecca, disfarçando os fragmentos de suas cartas como entradas de diários ou mudando o seu sobrenome quando da identificação dos correspondentes. Segundo Arendt, Rahel escreveu a Rebecca cerca de 158 cartas entre os anos de 1805 e 1810, das quais apenas uma pequena fração foi publicada por Varnhagen, pois não era de seu interesse demonstrar a significativa presença de homens e mulheres de origem judaica entre os correspondentes de Rahel. Além disso, Rebecca que, como mulher judia, viveu uma situação semelhante a que Rahel havia vivido com Finckenstein, envolveu-se em um escândalo quando publicou o romance “*Um retrato de um salão alemão*”, baseado em sua vida e no seu círculo social, fato que levou ao seu rompimento com Rahel.

O capítulo escrito por Arendt para narrar a entrada de August Varnhagen na vida de Rahel foi intitulado “O mendigo junto ao caminho”, pois esse era o modo como ele mesmo se descrevia, como alguém dono de uma curiosidade mendicante, mas vazio de pensamentos e de formas. Foi a ele que Rahel confidenciou a sua vida, entregou suas cartas e confiou suas memórias. Foi por meio dele e de suas escolhas como biógrafo e editor que Rahel foi lembrada, até que Arendt viesse a questionar sua narrativa e buscasse nos arquivos outros indícios para pensar a vida de Rahel. No entanto, ao mesmo tempo em que Arendt expôs o filtro imposto por Varnhagen e por suas escolhas, também reconheceu a importância de seu olhar sobre a vida de Rahel para que sua História não se perdesse em meio a de tantas outras mulheres que viveram a época do Romantismo.

O casamento com August Varnhagen, jovem sem dinheiro, tradição ou posição social, foi para Rahel o caminho possível para a assimilação, para deixar a condição de dependência em relação a sua família e para viver junto a alguém que a admirava. Mesmo antes do casamento, Rahel confiou a Varnhagen as materialidades de uma vida por escrito, entregou a ele todos os seus diários, todas as cartas, todas as cópias de cartas a Finckenstein, as cartas a Urquijo que havia exigido de volta, além das cartas de outros que havia guardado. Assim, Rahel deu a Varnhagen um objetivo, um caminho a percorrer. No entendimento de Arendt,

Rahel tornou-se a grande oportunidade de sua vida porque voluntariamente colocou algo inteiro em suas mãos. Sua vida tornou-se a anedota da qual ele se alimentou durante a vida inteira. Que em última instância tenha degradado sua vida a uma anedota, que a tenha elogiado: por suas qualidades, sua bondade, sua prudência, que a tenha admirado: por suas paixões, sua inteligência, sua capacidade para o amor, que tenha lamentado: sua infelicidade, sua solidão, em resumo, que no fundo tenha-a visto apenas como uma enorme curiosidade, foi o equívoco fundamental de sua ‘fidelidade sacerdotal’. (ARENDDT, 1994, p. 125)

O batismo, o casamento e a mudança de nome foram os preços pagos por uma assimilação que ao fim da vida pouco representou para Rahel⁸. Ela, que havia escrito ao irmão dizendo: “o judeu deve ser extirpado de nós; essa é a verdade sagrada, isso deve ser feito mesmo que a vida o seja junto”⁹, reconheceu que não foi capaz de negar a si própria e as suas origens. O casamento com Varnhagen, contudo, apresentou a Rahel os meios para deixar de ser uma pária, alguém excluída do mundo e prisioneira das condições de seu nascimento, mas também mostrou como possibilidade a vida como *parvenu*, isto é, alguém em recente ascensão socioeconômica. Para Varnhagen, esta foi uma situação que se colocou quando, por ocasião da guerra entre Áustria e França em 1809, ele se aproximou do coronel Bentheim, tornando-se seu secretário particular após a guerra. Assim, teve início a sua inserção no ambiente clientelista das relações entre a nobreza e a burguesia, bem como a sua busca por reconhecimento, que incluiu uma reivindicação de título de nobreza e diversas incursões no serviço diplomático.

⁸ Ao longo de sua vida e no processo de assimilação, Rahel adotou diferentes nomes: Rahel Levin (nome original), Rahel Robert (nome adotado por sua família após a conversão ao Cristianismo) e Rahel Antonie Friederike Varnhagen (nome adotado após o casamento).

⁹ Fragmento de carta escrita por Rahel a um de seus irmãos e citado por Arendt (1994, p. 111-112).

O que parecia natural para Varnhagen, a vida como *parvenu*, mostrou-se como um novo obstáculo para Rahel, para quem “o preço para torna-se *parvenu* era o abandono da verdade, e para tal, Rahel não estava preparada” (ARENDDT, 1994, p. 170). Nesse período, Rahel reaproximou-se de Pauline Wiesel, com quem retomou o diálogo epistolar que resultou em um vasto acervo, porém desconhecido do público por iniciativa de Varnhagen, que optou por ocultar a maior parte dessa correspondência em função da má reputação sustentada por Pauline que representava, para Rahel, um vínculo com o passado. Sobre essa relação, Arendt faz a seguinte consideração:

Quase uma década depois da publicação do *Buch des Andekens*, Varnhagen apelou para ela [Pauline] para que lhe devolvesse as cartas de Rahel; ela fez uso da ocasião para perguntar, em sua maneira simples e direta, por que “ele apagou todas as passagens que se referem a mim”, e comentou que os outros também estavam se perguntando “por que Herr von Varnhagen havia feito tantas alterações nas cartas”. Varnhagen, que naturalmente considerava abaixo de sua dignidade sequer responder a tal pergunta, estava inteirado das circunstâncias de Pauline; que ela estava empobrecida, velha e doente, e que a ajudar financeiramente significaria agir de acordo com os desejos de Rahel. E ele o fez a seu modo: tendo sido ela, escreveu, sempre meio infantil, iria atraí-la como se atraí a uma criança; em vez de bombons iria pagar-lhe um ducado por cada carta que lhe entregasse. Pauline desdenhou de responder, mas enviou-lhe as cartas e aceitou tranquilamente o dinheiro. (ARENDDT, 1994, p.171)

O episódio narrado por Arendt aconteceu cerca de nove anos após a morte de Rahel e demonstra a importância de seu espólio documental, assim como o papel desempenhado por August Varnhagen na preservação de sua memória, ao menos, da imagem de Rahel que ele acreditava ser merecedora de memória. Preservar é um gesto de reconhecimento, mas também uma demonstração de poder, o poder sobre a narrativa autorizada, o poder que August Varnhagen acreditava ter sobre a memória de Rahel.

Arendt encontrou, nas cartas e nos diários de Rahel, um caminho para pensar não apenas a vida e o tempo vividos por ela, mas para questionar os meios pelos quais a sua memória pode ser narrada. Ao fim da vida, lembra Arendt, Rahel voltou a escrever suas cartas, destinadas aos irmãos, em judeu-alemão, com letras hebraicas. Esse gesto, que a um primeiro olhar parece não ser relevante, é entendido por Arendt (1994, p. 187) como uma forma de reconciliação de Rahel com as suas origens judaicas, assim como demonstra que, no fim, Rahel compreendeu que “A liberdade e a igualdade não iriam ser

conjuradas à existência, capturadas por fraude como privilégios por um e outro”.

Considerações finais

O desenvolvimento e a ampliação do acesso às capacidades de escrita e leitura são apontados por Philippe Ariés (2009), junto à mudança na concepção de Estado e às novas formas de religião, como os acontecimentos que modificaram as mentalidades e a ideia de indivíduo consolidada no Ocidente. Rahel Vernhagen viveu esse período de transformações e descreveu, em suas cartas e diários, o seu modo de ver e viver a sociedade prussiana da transição entre os séculos XVIII e XIX. Contudo, o contexto vivido por Rahel também foi o contexto do Iluminismo, do Romantismo, da reivindicação dos direitos civis para os judeus, da busca dos judeus por assimilação e do crescente sentimento de patriotismo que daria os contornos de uma Alemanha unificada (1871). Enfim, um contexto para compreender os acontecimentos que Arendt viria a presenciar um século depois da morte de Rahel.

A obra *Rahel Varnhagen: a vida de uma judia alemã na época do Romantismo* não é uma homenagem à força e à resiliência de uma mulher judia em busca de aceitação, tampouco é uma tentativa de descrever um período tal como ele aconteceu. O que Arendt faz é um retrato, como ela mesma definiu no prefácio à obra, e como um retrato, ele é composto em parte pelo olhar do retratista e em parte pelo que o retratado deixa transparecer. Nesse sentido, Arendt percorreu o caminho do retratista, isto é, estudou o legado documental de Rahel, assim como as narrativas construídas sobre ele, e defrontou-se com o universo da escrita de foro íntimo. As cartas e os diários de Rahel foram amplamente utilizados por Arendt em sua pesquisa e acabaram por integrar, por meio de excertos, a obra final.

Neste estudo, a escrita de foro íntimo foi pensada como o fio condutor para compreender a construção narrativa feita por Arendt no decurso de sua escrita biográfica. Assim, foi possível observar a preocupação da autora em expor os contextos de escritura de Rahel, traçando as redes de sociabilidades construídas em torno da correspondência e citando fragmentos de cartas em que a prática da escrita e as cartas de Rahel eram o assunto tratado. Da mesma forma, Arendt evidenciou a importância da escrita de foro íntimo para a manutenção do modo de vida de Rahel, demonstrando que as cartas e os diários eram, para Rahel, um dos poucos lugares nos quais ela podia agir e expressar seus pensamentos com liberdade.

A busca por assimilação e a relação conflituosa de Rahel com as suas origens judaicas deram a Arendt os contornos de discussões mais amplas tais como: a assimilação pensada entre uma reivindicação coletiva e uma demanda individual, a influência das ideias iluministas para a reivindicação de direitos civis para os judeus, a organização intelectual em torno dessas demandas e as relações entre o processo de assimilação e o surgimento da concepção moderna de antissemitismo. As cartas trocadas entre Rahel e os homens e mulheres que integravam os seus quadros sociais ocorreram em âmbito privado, em um contexto em que a busca pelo reconhecimento dos valores individuais era também uma luta por distinção e aceitação, colocando a escrita epistolar no limite entre o público e o privado. Nessa perspectiva, a preservação e a publicização do espólio documental de Rahel, desenvolvidas por August Varnhagen, são discutidas por Arendt no sentido de reconhecer o modo como suas edições, seleções e escolhas influenciaram as narrativas construídas sobre a memória de Rahel.

Respeitados os limites impostos pelo tempo e pelos diferentes regimes de historicidade vivenciados por Rahel e Arendt, cada uma em seu contexto, a escrita de foro íntimo permitiu a Arendt percorrer os caminhos de Rahel e elaborar uma narrativa sensível sobre vida dela. Ao mesmo tempo em que expôs a fragilidade da memória construída sobre o espólio documental e as possibilidades de leitura que esses documentos, relegados à desconfiança das escritas ordinárias, podem oferecer. E ao compreender que a escrita de foro íntimo também configura um legado e que sobre ela são construídos discursos e relações de poder, Arendt deu a essa tipologia de documento um lugar em sua narrativa, não como exemplar de uma época, mas como um testemunho preservado pela escrita.

Referências

- ARENDDT, H. *Rahel Varnhagen: a vida de uma judia alemã na época do Romantismo*. Tradução Antônio Trânsito e Gernot Kludasc. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- _____. *Eichmann em Jerusalém*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Homens em tempos Sombrios*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Origens do Totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. “Nós, refugiados”. In: KOHN, J.; FELDMAN, R. H. *Escritos Judaicos*. Tradução Laura Desgaspere Monte Mascaro, Luciana Garcia de Oliveira, Thiago Dias da Silva. Barueri: Amalily, 2016.

_____. “A Controvérsia Eichmann: Uma carta a Gershom Scholem”. In: KOHN, J.; FELDMAN, R. H. *Escritos Judaicos*. Tradução Laura Desgaspere Monte Mascaro, Luciana Garcia de Oliveira, Thiago dias da Silva. Barueri: Amalily, 2016.

ARIÉS, P. “Por uma História da Vida Privada”. In: CHARTIER, R. *História da Vida Privada*, 3: da Renascença ao Século das Luzes. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHARTIER, R. “As práticas da escrita”. In: CHARTIER, R. *História da Vida Privada*, 3: da Renascença ao Século das Luzes. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GOMES, A. de C. “Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados”. In: *Revista Estudos Históricos*, vol. 11, n. 21, p. 121- 127, 1998.

LAFER, C. “Sobre a correspondência de Hannah Arendt”. In: GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N. B. *Prezado senhor, Prezada senhora: estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RAPCHAN, E. S. “Hannah Arendt – Rahel Levin: duas biografias, sujeito e espelho”. In: *Cadernos Pagu* (22) p. 291-327, 2004.

Email: cristiele.souza@erechim.rs.gov.br

Recebido: 12/2023
Aprovado: 03/2024